

ENSINO E APRENDIZADO DA LEITURA E DA ESCRITA:

Contribuições interdisciplinares

Vera Wannmacher Pereira
Ana Paula Rigatti Scherer
Rosângela Gabriel
Ronei Guaresi

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ensino e aprendizado da leitura e da escrita: contribuições
interdisciplinares / organização *Vera Wannmacher Pereira, Ana
Paula Rigatti Scherer, Rosângela Gabriel, Ronei Guaresi*. – 1. Ed.

-

Vitória da Conquista, BA: Fonema e Grafema, 2022.

Bibliografia

ISBN: 978-65-00-43372-2

DOI: <https://doi.org/10.29327/560074>

21-72542

CDD-618.928589

NLM-WS-350

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Organizadores

Vera Wannmacher Pereira
Ana Paula Rigatti Scherer
Rosângela Gabriel
Ronei Guaresi

ENSINO E APRENDIZADO DA LEITURA E DA ESCRITA:

Contribuições Interdisciplinares

PROBLEMAS DE APRENDIZAGEM DA LINGUAGEM ESCRITA: É PRECISO COMPREENDER PARA AJUDAR

Márcio França⁸³

*“...de perto, ninguém é normal.
Às vezes, segue em linha reta...”*
(Vaca Profana, Caetano Veloso, 1986)

Este capítulo propõe uma reflexão sobre os problemas de aprendizagem da linguagem escrita, a partir de uma classificação didática, que pode facilitar a compreensão e o planejamento de estratégias e encaminhamentos das situações cotidianas de nossas salas de aula.

São tantas adversidades na vida que é difícil chegar à conclusão do que é normal. Na realidade, nossas respostas ao mundo são fruto de uma combinação de fatores que podem estar em harmonia ou não. Mas o que isso representa? Acima de tudo nossa singularidade e, por que não, uma indicação para sermos tolerantes com o diferente. Tolerantes no sentido de acolher a singularidade e de reconhecer suas limitações e suas potencialidades. Assim, nos constituiremos como profissionais da educação (e saúde) preparados para atuar num cenário de diversidade,

⁸³ Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: marcio@franca.bio.br

que compõe esse universo heterogêneo de itinerários de vida e desenvolvimento de nossos escolares.

Há muitos anos, quando vou falar sobre problemas do aprendizado da linguagem escrita, lanço mão da imagem de um iceberg (Fig. 1). Especialmente, porque essa figura tem duas partes bem definidas: uma porção acima da água e outra submersa. Transpondo para nossa temática, o que está visível (acima da água) pode ser representado pela queixa, pelo sintoma ou o quer que sinalize uma limitação. Enquanto o montante submerso representa os fatores envolvidos ou associados ao desenvolvimento dessa aprendizagem – o que nos convida para um mergulho em águas mais profundas, de forma interdisciplinar, a fim de identificar hipóteses causais e, a partir delas, desenhar estratégias favoráveis a cada caso.

Sobre a linguagem, há que lembrar, estamos tratando do sistema alfabético, o que pressupõe reconhecer que o primeiro passo é relacionar sons da fala com letras, ou seja, associar fonemas a grafemas. Se não fosse assim, teríamos que “decorar” o significado de cada símbolo escrito (desenhado), portanto, estaríamos tratando de outro sistema de escrita, o ideográfico, onde um desenho representa uma ideia, como a escrita de japoneses e de chineses.

Figura 1 – O Iceberg.



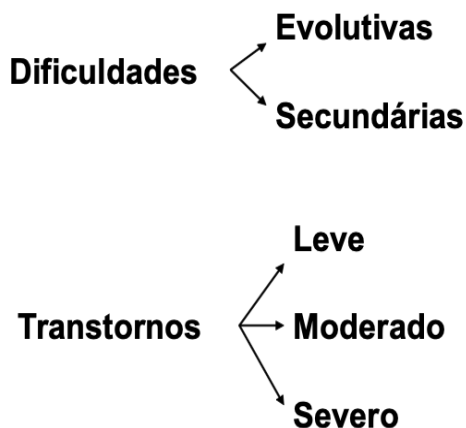
Sendo assim, a alfabetização começa a estruturar-se a partir do domínio da relação fonema-grafema e é somente depois disso que poderão ser apresentadas as regras ortográficas e as irregularidades da língua escrita ao alfabetizando. Tudo isso acontece durante boa parte da infância, onde estão envolvidos aspectos de crescimento, desenvolvimento e estímulos de toda ordem. Castaño (2003) observa que a linguagem é uma função cortical superior sustentada por uma estrutura anatomofuncional geneticamente determinada, além de estímulos verbais dados pelo meio. Portanto, questões orgânicas, cognitivas, sociais e de afeto têm efeito sobre o desenvolvimento da linguagem e devem ser cuidadosamente observadas nos casos em que algo não vai bem.

Como vimos, os problemas são diversos e para auxiliar o entendimento dos tipos de problemas de aprendizagem da linguagem

escrita, podemos utilizar uma classificação, tal como a elaborada por Moojen (Moojen e França, 2016), esquematizada na Fig. 2:

Figura 2: Classificação dos problemas de aprendizagem da escrita.

Os problemas de aprendizagem



Fonte: Moojen e França (2006).

Conforme a figura, os problemas estão divididos em: dificuldades e transtornos. O que os diferencia? As dificuldades são problemas decorrentes de algo que aconteceu em sua vida, ou seja, são uma consequência. Enquanto os transtornos são problemas específicos de leitura e escrita não decorrentes de algum comprometimento ou evento.

As dificuldades estão divididas em:

- evolutivas, que são os problemas decorrentes de algum fato transitório. Por exemplo, quando a criança fica sem ir à escola por um motivo de doença e depois retorna. Perdeu conteúdos, então, necessitará de uma ajuda para acompanhar normalmente sua turma. Outros exemplos: mudanças de escola; mudança de método de ensino; uma questão emocional, desde que temporária; um problema de visão que pode ser corrigido; enfim, são situações transitórias que costumam ter um bom prognóstico de recuperação dos estudos.

- secundárias são problemas decorrentes de uma questão primária do desenvolvimento físico, cognitivo, emocional ou neurológico. Por exemplo: síndromes, TDAH, perda auditiva ou da visão com limitação para correção, entre outros. Nesses casos, existe um comprometimento que afeta o desenvolvimento de forma permanente e os problemas de aprendizagem são consequências disso. Dessa forma, o prognóstico irá variar conforme a causa e o grau de comprometimento.

Já os transtornos são problemas específicos para o aprendizado da linguagem escrita, ou seja, não apresentam comprometimentos neurocognitivos, emocionais ou sociais importantes e que justifiquem a sua existência. São crianças cujo sistema nervoso central funciona de modo diferente e, via de regra, envolvem questões genéticas específicas que dificultam o desenvolvimento de habilidades metalinguísticas fundamentais para o sistema alfabético, tais como, a consciência fonológica. Portanto, destaco a dificuldade em estabelecer de forma segura a relação fonema-grafema, ou seja, o primeiro passo para a alfabetização; além de dificuldades na sequenciação, na memória, entre

outras características que podem acompanhar as crianças com transtorno da linguagem escrita. Assim, haverá uma repercussão importante ao longo da sua vida escolar. Os transtornos podem variar de leves a severos em função da remissão dos sintomas, sendo que o quadro mais grave é o que chamamos de dislexia, que estará presente de forma contundente até o final da vida. As estratégias terapêuticas ajudam a atenuar, mas o prognóstico costuma ser reservado no caso dos disléxicos.

Em tendo uma classificação de referência, podemos nos dedicar a refletir sobre os casos e construir hipóteses a fim de planejar estratégias de intervenção. Nos casos de uma dificuldade evolutiva, deve-se avaliar os conteúdos deficientes, propor atividades de reforço e aulas de recuperação da matéria. Dependendo do conteúdo, deve-se levar em consideração a possibilidade de ter de trabalhar com conhecimentos anteriores que não foram bem sedimentados. Por exemplo, numa dificuldade de acentuação, pode-se ter de rever a classificação das palavras (monossílabo, dissílabo...) e da sílaba tônica (oxítone, paroxítone...), antes de apresentar as regras de acentuação da língua escrita.

Quando se tratar de dificuldades secundárias, há que se observar o grau de comprometimento da questão primária e as potencialidades de aprendizado da linguagem escrita. Quanto maior for a dificuldade, mais se fará necessário desdobrar um objetivo em vários subobjetivos, que deverão ser trabalhados e exercitados até que se possa avançar para outro subobjetivo. Portanto, se houver dificuldade importante, o progresso deve ser avaliado numa comparação da criança versus ela

mesma, numa adaptação que respeita o seu ritmo e sua capacidade de evoluir no aprendizado.

Quando estivermos diante de um possível transtorno específico de aprendizagem, a situação requer uma avaliação interdisciplinar, que deve envolver profissionais para exclusão de comprometimentos e para confirmação de problemas (Moojen e França, 2016). Será necessária uma avaliação da leitura, da escrita e da consciência fonológica, que compõem a caracterização do quadro. Por outro lado, avaliações complementares de exclusão: audiológica, oftalmológica, psicodiagnóstica, neurológica, entre outras. Dessa forma, deverá ficar constituído um quadro de não comprometimentos primários que possam interferir diretamente na alfabetização. Em outras palavras, tudo deve estar dentro da normalidade, exceto a linguagem escrita. Para esses casos, existem diversas orientações para a família, que deve fazer adaptações para o estudo – tais como, gravar as aulas e privilegiar a via auditiva com a leitura em voz alta dos conteúdos. A escola também deverá fazer adaptações a fim de compreender a limitação da criança, mas também ser justa na avaliação do seu aprendizado em geral – sugere-se, realizar provas orais em separado (França, 2019). O terapeuta, por sua vez, deverá ter em seus objetivos, sedimentar a relação fonema-grafema, por meio da consciência fonológica, além de trabalhar a escrita com muitos exercícios.

Portanto, quando tratar-se de um caso de dificuldade secundária ou transtorno, as intervenções devem envolver o planejamento de exercícios (diários, se possível), o que terá como consequência a

diminuição do tempo de execução daquela atividade, tornando-a mais automática, e eficiente – Figura 3.

Figura 3 – Estratégia de intervenção.



Essa agilidade (facilidade) na realização de pequenas tarefas é muito importante, pois abre espaço para novos aprendizados. Assim, os objetivos (ou subobjetivos) vão sendo sedimentados de forma concreta e segura.

Considerações finais

Por fim, cabe destacar que os problemas no domínio da linguagem escrita podem afetar o acesso a novos conhecimentos. Por

isso, mesmo uma pequena dificuldade, por menor que pareça, deve ser tratada com muita atenção. Ao passo que as grandes dificuldades, que impõem transpor significativas barreiras, necessitam de uma análise em partes menores, pois o êxito residirá nos pequenos progressos alcançados.

Referências

CASTAÑO, J. Bases neurobiológicas del lenguaje y sus alteraciones. **Rev Neurol** 2003; 36:781-785.

FRANÇA, M. P. E diante da dislexia, como ocorre o processo de alfabetização? In: Rigatti-Scherer; AP, Pereira VW. **Alfabetização: estudos e metodologias de ensino em perspectiva cognitiva**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2019.

Moojen S.M.P. **A escrita ortográfica na escola e na clínica: teoria, avaliação e tratamento**. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2009.

MOOJEN, S. M. P.; FRANÇA, M. P. Dislexia: visão fonoaudiológica e psicopedagógica. In: Rotta, NT; Ohlweiller, L; Riesgo, RS. **Transtornos da aprendizagem: abordagem neurobiológica e multidisciplinar**. – 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2016.

SHAYWITZ, S. **Entendendo a dislexia: um novo e completo programa para todos os níveis de problemas de leitura**. Porto Alegre: Artmed, 2006.